

Aos 67 anos, Ricardo Cordeiro segue mais atuante do que nunca após superar, com a música, as adversidades de sua saúde

reportagem cultural



King Jim, Dr. em vida e rock 'n' roll

Cristiano Bastos, especial para JC

Novembro de 2013. Ricardo Weissheimer Cordeiro, mais conhecido no meio musical pelo apelido de King Jim e, no Brasil, por ter sido saxofonista dos lendários Garotos da Rua (dos hits nacionais *Tô de Saco Cheio* e *Eu Já Sei*), desperta no meio da madrugada na cama de um hospital. Ele havia passado por um transplante de fígado e se encontrava completamente confuso. Entubado, não conseguia mexer-se, nem tampouco falar. Pensou estar numa tumba ou que jazia nas profundezas do inferno, imerso na escuridão. “No fundo eu ouvia uma voz que dizia: ‘Não tenta te mexer, não tenta falar’. Pensei que podia ser o diabo ou que, talvez, tivessem me enterrado vivo. Mas era somente um enfermeiro que tinha acendido a luz. Aí dei-

me conta do que havia sucedido. Parecia que minha alma tinha voltado ao corpo”, lembra King Jim, que revela ter sido salvo ao receber o órgão da generosa família de um doador, nas suas palavras, aos “47 do segundo tempo”.

A marcante experiência, menos de um ano depois, levou o saxofonista a criar, ao lado dos músicos Jimi Joe e Bebeto Alves, o trio Los 3 Plantados. Antes disso (e depois de sua passagem pelos Garotos da Rua), integrou formações clássicas do rock gaúcho como Os Replicantes e Lory F. Band, grupo do qual foi fundador, nos anos 1990, ao lado de Lory Finocchiaro. Contando 67 anos de idade e nascido em Porto Alegre no dia 15 de janeiro de 1957, atualmente (e após ter tocado com “meio mundo”, levando o inconfundível som de seu sax à gravações com artistas provenientes

de diversos gêneros), o imparável King Jim diz estar vivendo uma nova fase, na vida e na carreira. “Sinto-me rejuvenescido, por incrível que pareça, depois de tudo que passei nos últimos tempos em relação à minha saúde. Parece até antagônico, porém, além de imensa disposição para trabalhar, agora estou numa fase mais feliz e de maior tranquilidade existencial. Já não existe mais aquela competitividade de antes, e isso é libertador”, filosofa.

Tendo de enfrentar a vida toda, por outro lado, problemas decorrentes de uma severa asma, o saxofone tornou-se o instrumento escolhido por King Jim como “remédio” para amenizar as condições de uma saúde frágil. “Nasci com um quadro grave de asma que me acompanha até hoje. O sax ajuda a melhorar minha resistência pulmonar”, afirma. Cedo

ele percebeu que teria de enfrentar desafios relativos ao aperfeiçoamento de sua técnica por conta de ter feito a escolha por tal instrumento. “Tive que forjar uma maneira com características pessoais de tocar, inventando uma linguagem nova para jamais parecer que estava tentando imitar esse ou aquele instrumentista”. Antes disso, outra saída oferecida pelos médicos para a amenização de sua asma foi a de que cantasse em corais (o que fez ao longo de sua juventude) e, desse modo, obtivesse maior expansão ao seu aparelho pulmonar.

O músico Felipe Rotta, que há sete anos empresta seu talento de guitarrista a Humberto Gessinger, conta que desde a adolescência já acompanhava o trabalho de King Jim. Em 2016, através de um amigo em comum, eles conheceram-se pessoalmente e, desde

então, conceberam juntos inúmeras parcerias. “Vi no King, além de um grande artista, um sujeito extremamente congregador. É sempre um prazer estar junto desse amigo de muito talento e generosidade”, enaltece o guitarrista. Mas, com absoluta certeza, aquela que exerceu papel fundamental para total recuperação de King Jim, nos dias em que passou pelo transplante, é a advogada Karen Nimhauser, sua esposa há 30 anos. “O King Jim, assim como a gente vê no palco, é uma pessoa extremamente divertida. Seu humor é incrível. Fora que é um cara muito companheiro, inteligente e criativo. Depois do transplante, ele se recuperou maravilhosamente bem. Eu sempre digo que o King Jim é um milagre ambulante”, atesta Karen.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Maria Clara e a dramaturgia infantil mundial

“E a lembrança do rio barrento que desce entre o milharal e a mata. Boiar no rio e deixar-se levar como um defunto. Era bom assustar Selma, que via as meninas passarem boiando rio abaixo. Procurar ovo de galinha fujona debaixo do bambuzal. Trepar na jabuticabeira e comer até se fartar. (...) O sapo enorme chamava-se Jerônimo. Todas as tardes chegava na varanda da fazenda para caçar besouros (...). Quando o trem se aproximava, entrávamos no mata-burro e o trem passava por cima. Aventura.” (*Maria Clara Machado - eu e o teatro*, pgs. 17 e 18; Editora AGIR/RJ, 1991).

“O bandeirantismo me trouxe o teatro. À noite, depois do trabalho, fazíamos os fogos de conselho. Todas em volta de uma fogueira, onde dançávamos, contávamos histórias e representávamos. Eu sempre fui a encarregada de fazer o programa. Fui Joana d’Arc, Maria Quitéria, fiz mímica e palhaçadas” (pgs. 23 e 24).

Essas duas passagens iniciais da autobiografia de Maria Clara Machado me parecem sintetizar os antecedentes que a levaram não apenas ao teatro como a criar uma dramaturgia infantil que, por sua renovação e criatividade (marcada por intensa brasilidade), tornam-na uma espécie de correspondente de Monteiro Lobato na Literatura Infantil - ele, nos anos 1920 e 1930; ela, nos anos 1950 em diante).

Maria Clara ficou órfã de mãe aos nove anos de idade, mas ninguém tocou no assunto, embora, como ela recorda, tenha - junto às irmãs - recebido abraços e beijos. Elas sabiam que a mãe morreria, mas ninguém ajudou que elaborassem isso. Ela revela que somente adulta, quando escreveu *Pluft, o fantasmilha* (na minha opinião, sua melhor peça infantil, um clássico universal para todas as idades) conseguiria elaborar essa perda. Aliás, há uma versão cinematográfica, de 1962, assinada por Romain Lesage. Em 2022, uma nova versão foi realizada por Rosane Svartman. Maria Clara conta, num emocionante vídeo gravado em 2013, que tinha medo de tudo. Então, resolveu botar todos os seus medos no personagem Pluft, e assim, pode elaborá-los e vencê-los.

Sua obra dramática está reunida em

seis volumes, pela Editora AGIR. Algumas buscam justamente neutralizar e racionalizar os medos infantis, como *A bruxinha que era boa* (1958), ou *Pluft, o fantasmilha* (1955), em que as situações tradicionais são invertidas, possibilitando às crianças aproximar-se de seus temores, enfrentando-os e racionalizando-os. Mas há textos deliciosos marcados pelas experiências da fazenda do avô, como os já referidos, a exemplo de *O rapto das cebolinhas* (1954) ou a recriada narrativa *O chapeuzinho vermelho* (1956), em que os elementos da natureza são antropomorfizados e ganham vida para conviver com a personagem principal, numa linguagem eminentemente brasileira, que deu outra dimensão ao clássico de Charles Perrault, mais tarde já reelaborado pelos Irmãos Grimm.

Ainda há textos profundamente poéticos, como *O cavalião azul*, de 1960 (que também virou filme, assinado por Eduardo Scorel, em 1984) ou *A menina e o vento* (1963). Além de *O chapeuzinho vermelho*; outras obras revisitam alguns clássicos infantis, como *A gata borralheira* (1962) e *O patinho feio* (1976) - sendo que, em algumas delas, há uma releitura bastante inovadora e moderna, como *Os cigarras e os formigas* (1976) ou *João e Maria* (1980). Nesses dois últimos casos, os enredos são trazidos para um contexto imediato da realidade brasileira e Maria Clara inclui observações, com forte crítica, sobre as diferenças sociais do País: talvez seja por isso que a censura, ao tempo da ditadura, considerava a obra da dramaturga “perniciosa” para a infância. Houve, inclusive, um episódio em que a diretora gaúcha Irene Brietscke teve sua montagem de *O aprendiz de feiticeiro* (1969) proibida um dia antes da estreia, no Teatro Renascença. Isso só aumenta a importância da autora, evidenciando sua compreensão de que teatro para crianças não é teatro de baboseiras, mas um modo de socializar os pequenos.

Por tudo isso, Maria Clara Machado é um clássico brasileiro. Certamente uma contribuição muito importante da dramaturgia brasileira para a dramaturgia infantil mundial.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Prelúdios

Todos têm seus filmes preferidos, geralmente listas formadas por dez títulos, o que - de certa forma - é uma injustiça, pois a História do Cinema não deveria ser marcada por uma espécie de tirania criada pela tradição resultante do fascínio pelas dezenas. E há também grandes cenas a serem lembradas, partituras não esquecidas e epílogos marcantes a ser relacionados. É um direito de cada espectador colocar naquela galeria erguida pela memória trechos diversos, imagens que permanecem intactas diante da força dos ventos criada pela indispensável e eterna renovação.

Por tudo isso - e até por antecipar o valor mais relevante de certas obras - as aberturas, os prelúdios, os prólogos (tomando emprestado termos de outras artes) de certos filmes também mereceriam ser lembrados, até porque antecipam e resumem o que será visto depois. Mesmo os que, felizmente em bom número, permanecem fiéis às salas de exibição, sobretudo àquelas cujas condições técnicas respeitam o espectador, reconhecem que meios de reprodução de filmes em casa possibilitam que clássicos sejam vistos, tornando assim mais familiares obras que antes eram apenas referências e até lendas cinematográficas. Antes, raramente as empresas produtoras providenciavam reapresentações de filmes realizados anos antes, mas o número era reduzido, nada comparável ao que meios atuais permitem. Portanto, será curioso e, de certa forma, importante lembrar obras inteiras e trechos memoráveis.

Alguns cineastas aproveitavam os créditos iniciais e faziam os mesmos acompanharem a cena de abertura. Uma das mais notáveis - e talvez a que mais expressa a função de tal recurso - é aquela que David Lean realizou para *Lawrence da Arábia*, dirigido em 1962. Num filme que trata do tema da alienação, da crença de um personagem fascinado por uma missão destinada a valorizar seu papel na História (quando, na verdade, ele é um instrumento de interesses mais fortes) e, ao concretizar de maneira falsa uma espécie de sonho (na verdade, uma maneira de ocultar aspectos de sua personalidade), a abertura resume tudo.

Ao som de uma expressiva partitura

de Maurice Jarre, regida por Sir Adrian Boult, com a câmera colocada no alto e assim reduzindo o tamanho do personagem, ele aparece como dono da situação, preparando sua máquina que logo em seguida o transformará em um soberano das estradas, com a visão alterada por óculos que transformam seu rosto. Quando a realidade intervém na cavalgada deste herói imaginário, sobram aqueles óculos, pendurados numa árvore. O filme fica assim resumido.

Outro grande prólogo é o que Henry Hathaway realizou para a *A raposa do deserto*, filme produzido em 1951. Uma tentativa de eliminar o Marechal Rommel durante a Segunda Guerra Mundial é encenada com grande virtuosismo e serve para explicar a fama daquele comandante alemão durante sua permanência na África. E seria injusto esquecer o nome do montador desta prodigiosa sequência: James B. Clark.

Outra abertura notável e antológica é a de *A marca da maldade*, que, em 1958, pontuou a volta de Orson Welles a um estúdio de Hollywood. Mas ao contrário do que o cineasta pretendia, a Universal colocou os créditos sobre as imagens, quando Welles queria colocá-los no final - abrindo, assim, todo o espaço para aquele plano-sequência. Só anos mais tarde, a empresa produtora editou o filme de acordo com os planos do cineasta, com os créditos apresentados depois do fim da narrativa. A sequência também utiliza a faixa sonora para anunciar o atentado que dará início à trama.

E há um filme nacional marcado por uma notável sequência de abertura: *Tocaia no asfalto*, realizado por Roberto Pires, em 1962. O próprio diretor, que viveu entre 1934 e 2001, é o responsável pela montagem, sendo ele, portanto, inteiramente o autor desta cena perfeita em todos os sentidos. Antes, Pires tinha realizado *A grande feira*, o primeiro filme de um ciclo baiano, mas depois de *Tocaia...* não conseguiu a mesma repercussão. O longa-metragem integrou uma mostra comemorativa e destinada a assinalar os 80 anos da primeira filmagem feita no Brasil, pelo, italiano Affonso Segreto, organizada pela Embrafilme e exibida em Porto Alegre pelo cinema Scala, em maio de 1978.

fique ligado

Homenagem a Mercedes Sosa no Domingo Clássico

Na edição de julho do projeto *Domingo Clássico*, a Orquestra de Câmara da Ulbra fará homenagem a Mercedes Sosa.

Serão seis canções interpretadas por Tatiéli Bueno, com arranjos inéditos, desenvolvidos especialmente para este concerto: *Volver a los 17*, *Todo cambia*, *Duerme negrito*, *Gracias a la vida*, *Canción con todos* e *Solo le pido a Dios*. A regência é de Tiago Flores, com participação de

Ricardo Arenhaldt na percussão.

A apresentação acontece neste domingo, às 19h, na Associação Leopoldina Juvenil (rua Marquês do Herval, 280), com entrada franca. Haverá distribuição de senhas no local, a partir das 18h.

Em 2024, Tatiéli Bueno celebra uma década do Tributo a Mercedes Sosa, revivendo a emoção do vasto repertório interpretado pela aclamada "voz da América Latina". Desde então, ela tem levado

sua interpretação aos palcos, com canções que se tornaram ícones na história da música latino-americana. Em 2024, completam-se 15 anos da morte da cantora argentina.

O concerto ainda terá a execução de mais duas peças: *Romance para Orquestra de Cordas*, do britânico Gerald Finzi (1901-1956); e *Serenata para Orquestra de Cordas*, do co-compositor e professor italiano Ermano Wolf-Ferrari (1876-1954).



Sintonia do jazz com a música gaúcha

Phyra é o novo trabalho em disco de Marcelo Corsetti. Buscando novas sonoridades, o músico, com 35 anos de carreira e 15 discos gravados, muda a formação de sua banda para obter cada vez mais a sintonia do jazz com a música gaúcha. Acompanhado de Dani Vargas na bateria, Cristiano Ludwig no saxofone e Mateus Albornoz no contrabaixo, ele faz show com entrada franca neste sábado, na

Fundação Ecarta (av. João Pessoa, 943), às 18h.

O grupo irá mostrar a música que se faz no Rio Grande do Sul e no mundo, buscando integração cada vez maior com o público. No repertório, todas as composições são de Corsetti, que neste show selecionou as músicas *Tapajós*, *Kaynakani*, *Na viola do Teteco*, *Big Lark* e *Dark Brown*, *Um sol na casa de tia Beth* e *tio Juca*, entre outras.



Tatiéli Bueno celebra uma década do tributo à cantora argentina, que é considerada uma das maiores vozes da América Latina

Talk show sobre moda, arte e design em Caxias do Sul

Neste sábado, das 10h às 12h, o projeto *Le Marché Chic* promoverá um talk show exclusivo entre empreendedores e artesãos expositores, no Pátio da Estação (rua Olavo Bilac, 363), em Caxias do Sul. A apresentação, com entrada gratuita, terá mediação da especialista em marcas, Valéria Alberti.

Os speakers convidados são a empresária e artesã Lu Gastal, personalidade gaúcha reconhecida pelos dotes artísticos na produção de bonecas e peças com memória afetiva; o empre-

sário do setor varejista Pedro Sehbe, que discorre sobre o case Magnabosco, e o gerente regional do Sebrae/Serra Gaúcha, especialista em gestão de pequenos negócios, Gustavo Rech.

A ideia é auxiliar os artesãos envolvidos na feira quanto ao desenvolvimento de competências como aprendizagem ativa, empatia, criação de possibilidades, resolução de problemas, tudo de uma forma prática e dinâmica. Após o talk show, às 14h, abre-se a mostra de produtos com mais de 50 expositores já confirmados.

Referências do folk e do rock em Sun Ya

Composta em 2021, a nova música de Tom Zynski, *Sun Ya*, traz as referências do folk e do rock, presentes na carreira do artista. Disponível nas plataformas de streaming, o clipe revela as ruas de Porto Alegre antes da enchente de 2024, com suas avenidas cheias de movimento. A busca pelo vazio, pelo silêncio, tudo o que pode curar ou significar um recomeço num mundo ensurdecido é a proposta do projeto, que já está disponível em todas as plataformas digitais.

Tom Zynski vem do metal, e há dez anos integra a banda It's All Red, que lançou um álbum e três EPs, sendo o último em

junho deste ano. Dividiu palcos com bandas como Megadeth, Cavalera Conspiracy e Ratos de Porão e criou o Complexo Ar-

tístico-Cultural RR44, onde são sediados os ensaios, workshops e onde atua como professor particular de técnica vocal.



Clipe foi gravado nas ruas do Centro Histórico de Porto Alegre

Nova mostra no Museu da Cultura Hip Hop RS

Para contar 30 anos de protagonismo na história do hip hop no Estado, o grupo de rap gaúcho Revolução RS apresenta a exposição *Vai Ficar Russso: Três Décadas de Revolução RS*. Composta por fotos, vídeos, cartazes, discos, diversos artigos e relatos pessoais dos integrantes, a mostra entra em cartaz no Museu da Cultura Hip Hop RS (rua Parque dos Nativos 545), neste sábado, e segue até 22 de setembro. A visitação tem entrada franca e ocorre de quartas a domingos, das 9h às 12h e das 14h às 17h,

inclusive aos feriados.

Ao explorar esta exposição, o público poderá conferir os 87 itens que contam a jornada do grupo que, ao longo de três décadas, utilizou a música como uma poderosa ferramenta de protesto e transformação social. Hoje, o Revolução RS é consolidado como uma potência indiscutível na história do rap sulista.

A mostra também presta homenagem a Fábio da Silva Dias, o "Amarelo". O integrante do grupo faleceu no último dia 24 de junho.

reportagem cultural



THAYNÁ WEISSBACH/JC

Garotos da Rua

King Jim: “Sinto-me rejuvenescido, por incrível que pareça, depois de tudo que passei em relação à minha saúde”

Cristiano Bastos *

Os Garotos da Rua surgiram em Porto Alegre num momento histórico, em que havia um hiato de rock ao vivo na cidade. No final dos anos 1970, até o início de 1983, não havia bares com bandas tocando esse tipo de música na Capital. Embora, é claro, houvesse por aqui grupos e pessoas que ouviam e gostavam de rock. Nos anos 1960, os Cleans e o Luís Wagner, do grupo Os Brasas, por exemplo, haviam ido à São Paulo e ao Rio de Janeiro levando seu rock'n'roll de características riograndenses ao centro do País. Na década de 1970, por sua vez, o Liverpool e sua sonoridade de timbre mais psicodélico (e que depois transmutou-se no Bixo da Seda) transitou pelo Brasil apresentando um rock mais visceral. Chegaram a ser âncoras do programa de TV *Som Livre Exportação*, mas depois dispersaram-se e foram acompanhar as Frenéticas. “A partir daí, o rock que tentava sair do Rio Grande do Sul deu um tempo. Na verdade, deu um longo tempo”, situa o veterano King Jim.

Em janeiro de 1983, o músico

Mitch Marini, da banda Swing, telefonou para o saxofonista o convidando para participar da abertura do show da banda Van Halen, que naqueles dias vivia seu auge mundial e que iria se apresentar em Porto Alegre. King Jim conta que nunca tinha visto nem tocado com equipamento semelhante ao que se deparou naquela ocasião - coisas como a guitarra sem fio e nenhuma caixa de som à vista do público. “Durante anos eu e o Mitch forjamos um repertório autoral, tocando todas as noites em Porto Alegre. Daí começaram a surgir dezenas de bares e centenas de grupos de rock na cidade. A ponto de serem feitos vários festivais, os quais atraíram a atenção da *major* RCA. Rolou que o célebre disc-jockey porto-alegrense Claudinho Pereira contactou o diretor da gravadora RCA, Tadeu Valério, que veio a Porto Alegre a fim de pinçar cinco bandas para um disco só com grupos gaúchos de rock. O resultado disso foi o ‘pau-de-sebo’ *Rock Grande do Sul*. Nós dos Garotos da Rua fomos os primeiros a serem escolhidos, por estarmos mais estruturados com equipe de produção”, relata.

Em dois anos, fazendo parte do cast da RCA, a banda estava morando num enorme apartamento na rua Rainha Elizabeth, em Ipanema, no Rio de Janeiro. “A gravadora nos colocou num lugar paradisíaco. Não sei como não nos matamos morando todos juntos no mesmo apartamento”, confessa King Jim. Os Garotos da Rua assinaram por três LPs, ou dez anos de contrato. Era o início do encanto do rock nacional com programas de auditório, músicas tocando em todas as rádios do País e o sonho do profissionalismo através da arte realizando-se. O saxofonista saiu-se com uma definição para aqueles dias: “Um momento idílico, daqueles que põe à prova o caráter do ser humano e impõe vários questionamentos. Éramos jovens e tínhamos sucesso fora da nossa terra”.

Nesses intensos dias, King Jim vivenciou toda a efervescência que caracterizou o Rio dos anos 1980. “A partir do Rio fizemos inúmeros shows pelo País e até em cidades fronteiriças de países próximos. Uma coisa boa que nunca esqueço é que, quando tínhamos de ir do Rio a São Paulo, a gente embarcava no maravilhoso trem da meia-noite, que chegava às seis da manhã. Muito melhor que a ponte aérea que, na maioria das vezes, demorava muito e cansava muito mais”. Entre outras aventuras vividas naquela época, o saxofonista dividiu um apartamento em Santa Teresa com o guitarrista Celso Blues Boy. “Também morei na Rua Pio Correa, ao lado da entrada do túnel Rebouças, na Lagoa. Era um condomínio onde o Renato Portaluppi foi meu vizinho quando jogava no Flamengo. O Renato, aliás, chegou a participar de uma música dos Garotos da Rua num show que fizemos no Teatro Ipanema. Mas, sem dúvida, o que mais aproveitei foi a diversidade cultural do Rio.”



FERNANDA CHEMALE/DIVULGAÇÃO/JC

Com os Garotos da Rua, King Jim (segundo à esq) vivenciou sucesso nacional

O Rei Ricardo “King” Jim Cordeiro

O cineasta e baterista **Carlos Gerbase** fala sobre o “Replicante Honorário” King Jim. Saxofonista integrou o grupo punk na época do lançamento do LP *Androides Sonham com Guitarras Elétricas*.

São inúmeras as lendas sobre este saxofonista, compositor e cantor (além de técnico do flamante time de botão Overball) que nos encanta há décadas. Mas apresentarei apenas fatos. Nascido com o prosaico nome de Ricardo, morava num edifício do bairro Menino Deus. A família Cordeiro era vizinha de porta da família Heinz, em especial do pequeno Heron, de quem Ricardo tornou-se irmão de leite e amigo da vida toda. Ricardo tinha asma e, já adolescente, foi aconselhado por seu médico a estudar um instrumento de sopro, pois isso aumentaria sua capacidade pulmonar. Daí a escolha pelo saxofone. Heron, bem mais tarde, no início dos anos 1980, aprendeu a tocar baixo, na mesma época (e na mesma garagem) em que eu aprendia a tocar bateria. Numa noite qualquer de 1983, fui assistir a uma nova banda que tocava no bar Rocket 88, na rua José de Alencar. Eram Os Garotos da Rua, com o Ricardo no sax. Um show energético e divertido, que me mostrou a possibilidade de ouvir rock ao vivo em

Porto Alegre, justamente quando eu estava brincando de ser músico. Em 1986, Os Replicantes e os Garotos foram contratados pela RCA e incluídos no LP *Rock Grande do Sul*, e aquela série de coincidências (ou melhor, sincronidades) transformou-se em parceria profissional, que se mantém até hoje. Já com o apelido de King Jim, participou de várias gravações dos Repli e em breve fará uma participação no nosso show de 40 anos. Continua sendo um dos Garotos, mas sem dúvida é um Replicante Honorário. O problema de ficar nos fatos, no entanto, é que eles escondem a faceta mais sensacional do King: ele é um amigo para todas as horas, topa qualquer roubada e está sempre sorrindo. Não é à toa que dezenas de músicos da cidade o chamam para tocar. E, como técnico do Overball, time de botão formado exclusivamente por músicos que morreram de overdose, leva a torcida ao delírio com os gols espíritos de seus craques Brian Jones e Charlie Parker. King Jim é um transplantado que ganhou anos extras de vida porque merece muito viver. Com seu sax, sua voz, seus botões e seus sorrisos, ajuda-nos a encarar as roubadas da existência com mais humor e vitalidade. Deus salve o King!



Registro de 1990, quando foi “membro honorário” dos Replicantes

ACERVO PESSOAL CARLOS GERBASE/REPRODUÇÃO/JC

Retratos de King Jim

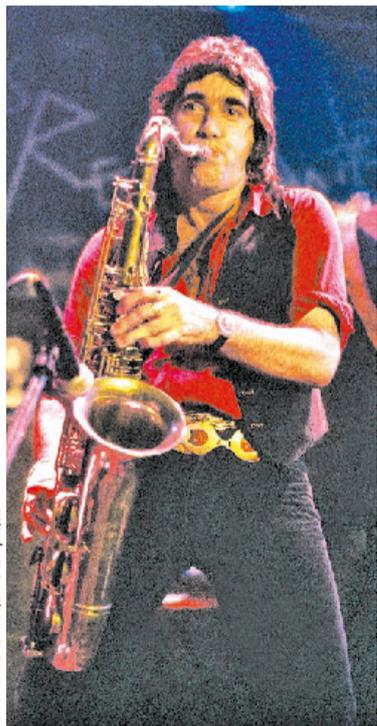
Reconhecida por seus registros de artistas do pop e do rock sulista (e também autora do livro de fotografias *Tempo de Rock e Luz*), a fotógrafa Fernanda Chemale já fez uso de suas lentes para capturar King Jim em personificações assumidas por ele em diferentes fases de sua carreira. Suas fotos revelam o saxofonista seja ao lado de nomes como Lory Finocchiaro e Bebeco Garcia, seja como músico solo. Para Fernanda, o fotogênico King Jim é um artista múltiplo, detentor de uma longa trajetória e da qual ela diz ter tido o prazer de fotografar uma importante parte. Chemale relembra que o conheceu na ocasião em que King juntou-se a Lory Finocchiaro na F. Band, em 1991, nas apresentações que o grupo fez no espetáculo Rock'n Roll Circus Show, no Porto de Elis, em Porto Alegre (encontro, por sua vez, que se interrompeu apenas em 1993, com a morte de Lory). “Desde então acompanho a carreira de King Jim neste lugar assumido por mim, que é o de registrar uma parcela do movimento rock no Sul do Brasil. Já são mais de 30 anos acompanhando o King Jim, este artista que, além de sensacional e queridíssimo, também é muito fotogênico”.



Série Retratos Clássicos do Rock Gaúcho, de Fernanda Chemale

Músico de todas as gerações

Para o requisitado pianista Luciano Leães, falar de King Jim é percorrer décadas de música feita no Rio Grande do Sul e, por que não dizer, do Brasil. Na avaliação de Leães, chega ser limitante considerá-lo apenas um precursor do “rock gaúcho”, embora esse título



Debulhando o sax, imagem de 1991

tenha grande relevância. “A música é um terreno fértil para o King Jim, mas há muito mais a se dizer sobre a pessoa que ele é e o quanto representa para seu entorno”, o músico avalia. Desde o primeiro encontro que tiveram, explica Luciano, tal predicado do saxofonista tornou-se para ele algo muito claro. “Tive o privilégio de compartilhar momentos significativos com ‘Kinda’, como carinhosamente o chamo. Lembrome da primeira vez que o vi, provavelmente nos shows do Garotos da Rua no Gigantinho ou no Araújo Vianna. Anos depois, dividimos o palco e o estúdio em diversas ocasiões, com nomes como Celso Blues Boy, Fernando Noronha, Pata de Elefante, Garotos da Rua e Los 3 Plantados”. Leães afirma que, enquanto pessoa, King Jim nunca o decepcionou: “Na minha opinião, o rock tem seguido por caminhos tortuosos, nos últimos anos, com uma caretece retrógrada e conservadora disfarçada de atitude. No entanto, ‘Kinda’ continua firme em suas convicções humanistas e progressistas. Além de ser um dos sujeitos mais divertidos que conheci na música”, destaca.

O saxofonista também é uni-

versalmente conhecido pelo seu prolífero convívio com artistas oriundos dos mais diversos gêneros musicais e, igualmente, pertencentes às novas gerações. Uma de suas mais recentes gravações encontra-se materializada na parceria com o viamonense Baltazar MC (um dos nomes mais promissores do rap gaúcho, com seus já cinco discos lançados) e o percussionista Njay na música de sugestivo título *O sentido da vida*. A letra da canção fala a respeito do quanto a arte pode salvar as pessoas e trazer outras perspectivas sobre a vida. O jovem Baltazar é só reverências a ele: “Para mim é uma honra essa preciosa oportunidade de poder trabalhar musicalmente com o King Jim e, de quebra, ainda ganhar de lambuja a amizade dele. Ele verdadeiramente é uma das maiores lendas da música pop e rock do Rio Grande do Sul: os anos que ele tem de carreira superam os que eu tenho em idade. Foi muito bacana poder ouvir as histórias da carreira dele”. Baltazar ainda exalta o fato de que o saxofonista tem a mente aberta para a música e é um grande camarada dentro e fora dos estúdios.

Alimente a vida

Um ano após a experiência de “voltar à vida”, King Jim juntou-se a Bebeco Alves e Jimi Joe (artistas que, como ele, também tinham sido beneficiados pela doação de órgãos) para criar o grupo Los 3 Plantados, cuja vivência em comum deu origem às 12 canções do álbum conceitual intitulado *Aumente a Vida*, lançado em 2018. “Primeiramente tocadas em shows, as músicas do repertório, que são simples, lúdicas e explicativas”, elucida King Jim, “versam sobre procedimentos e etapas que envolvem a doação”. O trio Los 3 Plantados é, acima de tudo, uma celebração à vida, ele define. O disco tem a “mão” de um elenco de músicos gaúchos. Nomes como Biba Meira, Renato Mujeiko, Marcelo Corsetti, Leandro Schirmer e Luke Faro fizeram suas doações musicais. *Alimente a Vida* inicia com a canção *Los 3*, um folk rock que brinca com a linguagem cinematográfica e flerta em seus arranjos com os grupos America e Crosby, Stills & Nash. Já a música *Planos* (com participação de Humberto Gessinger no baixo e Duca Leindecker na guitarra) é um hard rock da estirpe do AC/DC e do Aerosmith.

A altruística faixa-título (“Fazer algo por alguém sem pedir nada em troca/Doar por amor”), pontua o saxofonista,

passa pelo jazz tradicional. Já a música *Balão de gás* alça voo apostando numa levada suingada. *Balão de gás* é uma das faixas mais pop do disco, cuja produção e arranjos ficaram por conta do baixista Luciano Albo. Apelidada pelos Los 3 Plantados de “milonga pinkfloydiana”, *Voo astral* consiste numa balada rock'n'roll que viaja na sensação de transitar entre os planos terreno e espiritual. Em *INSS*, Jimi Joe presta homenagem à instituição que ajudou a salvar as vidas do trio. Sua melodia remete às canções de George Harrison. Somando-se às doações musicais, o Guitarreiro Luis Vagner ilumina o soul-pop de *Bactéria* com sua inconfundível digital. Na milonga-tango *Sensível*, que tem préstimos do acordeonista Renato Borghetti, Los 3 Plantados juntam suas vozes para pôr em pauta o tópico “desconstrução do discurso machista”. Já o rock stoneano tem vez em *Gota*, enquanto os Beatles induzem a psicodelia em *O melhor instrumento é a voz*. Mas a amplitude temática de *Alimente a Vida* encontra sua síntese, explica o saxofonista, na faixa *O que eu faço com isso*. “Com bom-humor eu faço na letra da canção uma reflexão sobre a inexorável passagem do tempo”, diz King.



Los Três Plantados: Bebeco Alves (esq), Jimi Joe e King Jim



nas telas



EMBAÚBA FILMES/DIVULGAÇÃO/IC

Premiado em Cannes, *A Flor do Buriti* está em cartaz nos cinemas do País

História de resistência do povo Krahô

Exibido em mais de 100 festivais ao redor do mundo e vencedor de 14 prêmios, sendo um deles no Festival de Cannes, *A Flor do Buriti*, de Renée Nader Messora e João Salaviza, está em cartaz nos cinemas brasileiros. O longa-metragem, rodado em quatro aldeias diferentes, dentro da Terra Indígena Krahôlândia, aborda a luta dos Krahô (indígenas do To-

cantins) pela terra e as diferentes formas de resistência implementadas pelas comunidades no Brasil, levando para a tela um massacre ocorrido em 1940, onde morreram dezenas de pessoas. Hoje, diante de velhas e novas ameaças, os Krahô seguem caminhando sobre sua terra sangrada, reinventando diariamente as infinitas formas de resistência.

Reabertura da Sala Redenção

A Sala Redenção (rua Eng. Luiz Englert, 333) reabre nesta segunda-feira, após dois meses fechada devido à situação de calamidade pública no Estado. A programação, com entrada franca, é aberta à comunidade, e inicia com a mostra *A Imagem no Espaço*, que fica em cartaz de 8 de julho a 2 de agosto, apresentando a perspectiva da cidade como protagonista. Serão exibidos 16 filmes (entre do-

cumentários, ficções e ensaísticos), produzidos em diferentes municípios brasileiros. Algumas sessões (sempre às terças e quintas-feiras, às 19h) serão seguidas de conversa com os realizadores das obras. Entre eles, Bruno Carboni (*O Acidente*), Gustavo Spolidoro (*Errante - Um filme de encontros*), Adirley Queirós (*A cidade é uma só?*) e Ricardo Alves Junior (*Tudo o que você podia ser*).

Fausto Fawcett na Cabeça

Previsto para ser lançado nos cinemas no próximo dia 25, o documentário *Fausto Fawcett na Cabeça* foi premiado no *Fest Aruanda* como Melhor Filme pelo Júri Oficial na Mostra Competitiva Nacional de Longas-Metragens, além de levar os prêmios de melhor ator/personagem e Troféu Abracine em 2022.

Cantor, poeta e compositor de músicas ícones como *Kátia Flávia* e *Rio 40 graus*, Fawcett é também autor de cinco romances e diversas performances que desvendam um vasto e singular universo. A proposta deste "filme-transe" é entrar na mente criativa, inquieta e desafiadora deste, que é um artista único.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Processo de reciclagem do lixo orgânico	Livro de Aguinaldo Silva (1984)	Max Bruch, compositor alemão	A ordem zoológica de homens e macacos		Discursos laudatórios (fig.)		A maior aliança militar ocidental	Fator ecológico avaliado antes da construção de rodovias	Bebida de coquetéis
					Tipo sanguíneo do doador universal		(?) fashioned, bebida alcoólica		Ctrl + (?): atalho para imprimir, no Word
Nutriente regulador da flora intestinal		Exigência feminina na área profissional							
					Números (?): são representados na forma algébrica como "Z = a + bi"		Ídolo canadense do turfe		Estado nordestino representado pela estrela Teta do Escorpião na Bandeira Nacional
Mogi (?), cidade do interior paulista		"(?) Amor", sucesso de Chico Buarque							Feito do ancinho
Vogal temática da 3ª conjugação		Queijo utilizado na sopa missô					Sem dinheiro (pop.)		Endereço na web
							"(?) -me!", filme de Almodóvar		
					Ubá, rosa ou espada (fruta)		Fora! (pop.)		
					Bilhete de viagem				
Fim da jusante, no curso no rio		Advocacia-Geral da União (sigla)							O filme de qualidade inferior (Cin.)
Extraí o leite (das vacas)						Evandro Mesquita, ator e cantor			
Couve-de-?): lembra um pequeno repolho							Califa dos xiitas		Diz-se da fé dos fanáticos
							Peça de chaveiros		
Membrana ocular diáfana no albino		Parte do corpo afetada pela omodinmia							Entidade travessa de nosso Folclore
		Imposto sobre o crédito (sigla)				Alberto Dines, jornalista carioca		Divisão da partida de badminton	
O caráter da senha de banco		"Nota", em abreviaturas em livros							
						Que anuncia desgraças (fem.)			

BANCO. 3/old. 6/azaga. 1/russell baze. 15/0 inimigo público.

8

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel | @coquetel

ASSINE AGORA! | COQUETEL

Solução

T	L	C	N	E	D	I	F	N	O	C
V	G	V	I	Z	A	O	C			
T	S	A	S	I	R	I				
N	C	R	B	M	O		L			
E	S	E	L	X	R	U	B			
I	L	L	E	G	N	M				
B	O	I	E	H	L	V	P			
M	S	A	S	Z		F	O			
A	S	M	A	N	A					
O	S	L	F	O	T					
T	A	R	D	A	C	O	V			
C	L			M	R	I	M			
V	A	M	O	N	O	S	I	N		
P	I	V	A	V		F	I	B	R	A
M	E	I	S	T	A	G	O	M	P	O
I										

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: A Lua Nova leva sua atenção aos assuntos familiares e a buscar razões profundas para orientar sua existência. É tempo de semear um novo sentido geral de vida.

Touro: É tempo de renovar o ritmo e a forma de seu cotidiano. As atividades intelectuais, os estudos, as viagens e os deslocamentos são bastante estimulados.

Gêmeos: A Lua Nova representa um estímulo positivo para renovar a maneira como lida com seus bens e posses materiais. Não se perca nas diversas oportunidades que se apresentam.

Câncer: A Lua Nova em seu signo simboliza o começo de um ciclo de longo alcance, surgindo motivações e uma disposição vital renovada. Este ano tudo pode se renovar muito mais.

Leão: A Lua Nova marca fase de aceitar as restrições, inclusive para poder superá-las de modo bastante imediato. Ao se concentrar nessa luta, irá alcançar bons resultados.

Virgem: Os atrativos da vida social se tornam agora particularmente brilhantes e empolgantes. Os sonhos futuros podem ser propulsores poderosos para reavivar a vontade de viver.

Libra: Os projetos e as ações imediatas no trabalho profissional estão favorecidos. Será uma fase de decisões com consequências boas no longo prazo. Novo trabalho irá começar.

Escorpião: Momento oportuno para dar início a estudos superiores e a atividades que venham a satisfazer as aspirações elevadas. A atividade mental está favorecida.

Sagitário: Começa uma fase favorável para o aprofundamento das relações, no campo íntimo e das associações de trabalho. É preciso agora estar mais próximo ainda das pessoas.

Capricórnio: As relações humanas ganham relevo especial para você. Você tende a se envolver sentimental e romanticamente com as pessoas, abrindo sua sensibilidade.

Aquário: Momento oportuno para cuidar da saúde e para estabelecer hábitos positivos, seja para o trabalho ou o conforto físico. Hoje, em particular, pode ser um dia agitado e tenso.

Peixes: O estímulo aos sentimentos amorosos começa a ser mais forte. Sua criatividade está em alta. O momento pode conduzir a ações apaixonadas e ousadas.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Chico Buarque e a censura durante a ditadura militar

Censores não entram para a história, a não ser alguns da antiga Roma, que tinham outras tarefas além de vigiar a moral e os costumes. Cercar a liberdade é algo somente menos grave do que tirar o direito à vida. Hoje, discutimos regulamentação de redes sociais, ditaduras digitais e liberdades várias, especialmente a liberdade de imprensa. Há que se ficar atento à censura e aos que pretendem manipular as informações.

O que não tem censura nem nunca terá (L&PM Editores, 224 páginas, R\$ 54,90), do experiente e consagrado jornalista Márcio Pinheiro, editor do site AmaJazz e autor, entre outros, dos livros *Esse tal de Borghettinho e Ratos de redação: Sig e a história do Pasquim* (finalista do prêmio Jabuti) é um relato minucioso e impactante sobre as perseguições sofridas por Chico Buarque - um de nossos maiores artistas - durante o período do ditadura militar.

Em 1964, Chico tinha 20

anos e, em 1966, lançou *A banda*, seu primeiro grande sucesso. Nesse mesmo ano, sua composição *Tamandaré* foi proibida pela censura, por ofender o almirante Tamandaré, o patrono da Marinha. Foi o primeiro de muitos encontros do autor de *Apesar de você* com o Serviço de Censura. No ano seguinte, *Roda viva*, peça de sua autoria, foi proibida pela censura. Especialmente depois da edição do AI5, em 1968, vieram os “anos de chumbo”. Chico e a classe artística brasileira não tiveram mais paz. Ele autoexilou-se na Itália. Lá, era correspondente informal de *O Pasquim* e criou músicas antológicas - muitas, censuradas, e outras que passaram inicialmente despercebidas como *Apesar de você*, de 1970.

Em dado momento, três de cada quatro composições de Chico eram proibidas, o que tornava impossível a montagem de um repertório mínimo para um show ou um disco. O compositor tornou-se o maior símbolo da perse-



guição cultural e política daqueles tempos duros, e passou boa parte dos anos 1970 proibido de criar.

O competente, bem elaborado e pungente livro de Márcio Pinheiro vem em bom momento, quando em nível mundial se discute liberdade, democracia e criação artística - e quando precisamos estar, mais do que nunca, atentos.

e palavras...

TOM JOBIM, O OUVIDOR DO BRASIL

O ouvidor do Brasil: 99 vezes Tom Jobim (Companhia das Letras, 232 páginas, R\$ 69,90), de Ruy Castro - consagrado escritor, jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras -, traz 99 crônicas recheadas de informações e histórias de bastidores revelando o lado humano, crítico, bem-humorado, plural e fascinante do genial músico, maestro e compositor Tom Jobim, um de nossos maiores e melhores brasileiros, que faleceu em Nova York, em 1994, aos 67 anos.

Ruy Castro nasceu em 1948, iniciou como repórter em 1967, trabalhou nos principais órgãos de imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro, e escreveu biografias de Nelson Rodrigues, Garrincha e Carmen Miranda, reconstituições históricas sobre a bossa nova, o samba canção e o Rio dos anos 1920, além de três romances e obras sobre Cinema e Literatura.

Tom Jobim foi um dos maiores artistas brasileiros e tornou-se universal. Nesse momento, em qualquer lugar do mundo, há alguém tocando sua música. Pode ser num concerto para centenas de pessoas, no escurinho de uma casa noturna para um casal de mãos dadas, num estúdio de gravação ou numa esquina em troca de algumas moedas para o almoço. Os discos que ele gravou com João Gilberto, Elis Regina e Frank Sinatra, entre muitos outros, sobreviveram a todas as modas musicais e não saem de catálogo. Canções como *Águas de março*, *Garota de Ipanema* e *Wave* fazem parte, definitivamente, da trilha sonora da humanidade e, isso, na verdade, todos nós sabemos.

O compositor e sua imensa e linda obra vivem para sempre. Suas canções falam de pedras, madeira, mar, árvores, pássaros, matas, serras, montanhas e, sobretudo, foram inspiradas na Mata Atlântica. O livro de Ruy Castro nos mostra o ser humano gigante e admirável que foi Tom, com sua delicadeza, sua sagacidade, seu humor e sua ironia. Há décadas atrás, ele já falava em ecologia, poluição das águas, especulação imobiliária, proteção da Mata Atlântica e dos espigões que, por vezes, não deixavam os cariocas enxergarem o Cristo Redentor.

O conjunto dos textos de Ruy formam uma espécie de perfil biográfico fragmentado e caleidoscópico de um homem que, mesmo tendo falecido em 1994, parece estar aqui conosco, buscando harmonia, beleza e vida. Enquanto produzia música da melhor qualidade e eternidade, criava seus filhos e convivia bem com as pessoas. O grande mérito dos textos de Ruy é revelar grandes pequenas histórias de um homem que gostava muito do Brasil e se preocupava com a natureza, as pessoas, a boa música, a paz. Tom exercia bem a arte de convívio e deixou um legado infinito para nós.

Os textos falam da homenagem que a Mangueira fez para Tom, falam do lendário disco que ele gravou com Elis Regina nos Estados Unidos, e do emocionante documentário que Roberto de Oliveira e Jom Tob Azulay fizeram sobre a gravação do álbum que muitos consideram o melhor da história da música brasileira.

a propósito

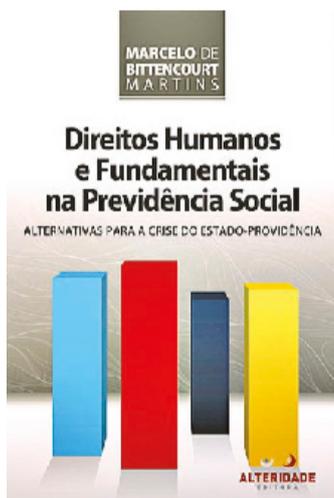
Num momento em que o Brasil e os brasileiros estão extremamente divididos e no qual parecemos uma orquestra desafinada, o livro de Ruy Castro sobre Tom Jobim vem em boa hora para inspirações boas e desejos de viver em paz.

Tom sempre disse que o Brasil não era para principiantes e que viver no exterior é bom, mas é “uma merda” e

que viver no Brasil é “uma merda”, mas é bom. Tom é o que temos de melhor e de mais universal - e se mantém vivo no mundo. Suas canções seguem ajudando brasileiros e estrangeiros a encantar ouvintes em muitos lugares e a servir de sustento para milhares e milhares de músicos. É muito; é coisa de Deus.

(Jaime Cimenti)

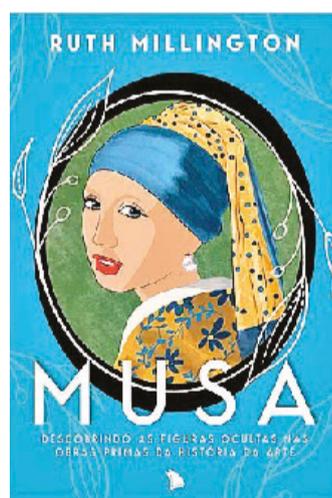
lançamentos



► **Direitos Humanos e Fundamentais na Previdência Social** (Alteridade, 200 páginas, R\$ 95,00), do advogado, professor e palestrante Marcelo de Bittencourt Martins, fala, com propriedade, do sempre atual problema da crise do Estado-Providência e seu impacto negativo nos direitos sociais. A obra traz alternativas para trazer eficácia e não retrocesso aos direitos de seguridade social.



► **Crenças e situações que atrasam o País** (Editora AGE, 198 páginas, R\$ 59,90), do contador, economista e auditor aposentado do TCE e da Secretaria da Fazenda do RS Darcy Francisco Carvalho dos Santos, trata de carga tributária nacional, fundos de participação, previdência, seguridade, orçamento e outras questões relevantes.



► **Musa** (Arquipélago, 320 páginas, R\$ 54,90), de Ruth Millington, historiadora de arte e crítica, e mestre em Artes por Oxford, traz 29 pessoas que inspiraram obras-primas na História da Arte. De Da Vinci às capas da Vogue, passando pela *Moça com brinco de pérola*, a obra mostra que essas figuras são mais diversas do que as narrativas tradicionais admitem.

pensando cultura

Os 36 anos bem vividos da Cia. Stravaganza

Adriana Lampert

Completando 36 anos de atividades ininterruptas em junho de 2024, a Cia. Stravaganza preparou uma programação especial para marcar a data. Dentre as atrações comemorativas, nesta sexta-feira estreia o espetáculo *Kassandra*, do dramaturgo Sergio Blanco, com direção de Adriane Mottola e atuação da atriz e bailarina trans Estrela Dinn. A peça - uma reescrita contemporânea a partir do antigo mito de Cassandra, agora uma mulher "em trânsito", sem identidade, endereço ou país fixo - será apresentada também no sábado e no domingo e segue temporada até o final do mês, com sessões às sextas-feiras (dias 12, 19 e 26), sempre às 20h, no Estúdio Stravaganza (rua Dr. Olineto de Oliveira, 68). Os ingressos custam R\$ 30,00 (meia-entrada) e R\$ 60,00 (inteira), e estão à venda pela plataforma Sympla.

Criada em 1988 por Adriane

Mottola, Luiz Henrique Palese e Cacá Corrêa (ambos já falecidos), a companhia teatral firmou-se como um dos grupos mais atuantes e reconhecidos em todo o País, arrematando 106 premiações. Ao longo de sua trajetória, o grupo realizou 32 espetáculos, sendo os mais recentes *Kassandra* e *Mitak - A Comédia da Vida*. Esta última, é uma proposta de experiência cênico-gastronômica, onde o público é convidado a participar de um jantar indiano em três tempos, com entrada, prato principal e sobremesa.

Em *Mitak...*, com direção de Adriane Mottola e atuação de Duda Cardoso, Janaina Pellizzon e Lauro Ramalho, o grupo conta a história de Lal Bihari que, ao descobrir-se morto nos registros oficiais, tenta, por 19 anos, provar que está vivo. A montagem estreia na quarta-feira e segue com apresentações nos dias 17, 24 e 31 de julho, sempre às 20h (ingressos também pela plataforma Sympla,

no valor de R\$ 98,00).

Com sua própria sede, o Estúdio Stravaganza, recebe apresentações do próprio grupo e de outras companhias, sedia workshops, oficinas teatrais, projetos de residência artística e outras atividades culturais. "É bem difícil mensurar quantos artistas já passaram pela companhia, já tivemos espetáculos que agregaram mais de 40 pessoas, entre atores, técnicos e colaboradores", comenta Adriane. "Hoje, temos um núcleo de gestão do espaço, que é administrado pelo Duda Cardoso, Ricardo Vivian e eu. No núcleo artístico da companhia, além dos citados acima, contamos com parceiros de longa data, a exemplo de Fernando Kike Barbosa, Lauro Ramalho e Janaina Pellizzon."

Para além do "núcleo duro" da Stravaganza, ao longo dos anos muitos artistas integraram a companhia em diversos projetos, entre eles Gustavo Curti, Ricardo Severo, Fernanda Petit, Sofia Salvatori, Kiko Mello, Angela Spiazzi, Cassio Brasil, Felipe Zancanaro, Mirna Spritzer, Miriã Possani, e mais, recentemente, Sandra Possani e Estrela Dinn. "São pessoas que a gente quer ter sempre por perto", pontua a diretora do grupo. Ela recorda com carinho do primeiro espetáculo, que marcou a criação da companhia: *Shandar e o Feitiço de Mungo* (1988), que conquistou oito prêmios (quatro Tibicuera e quatro Quero-quero). Depois desta montagem, vieram

as duas versões - também premiadas - de *Jubas* (1990 e 2000); seguidas por *Decameron*, que recebeu sete prêmios, entre os quais o Troféu Florêncio 1995 de Melhor Espetáculo Estrangeiro do Ano, dado pela Associação de Críticos Teatrais do Uruguai.

"*Decameron* foi o espetáculo da Stravaganza que mais viajou, além de ser sucesso de crítica e público", destaca Adriane. Na sequência, outro sucesso foi *A Comédia dos Erros* (2008), criada especialmente para ocorrer no Estúdio Stravaganza, e que se manteve por longa temporada no espaço dia companhia, ganhando vários troféus Braskem e Açorianos. "Muitos outros espetáculos marcaram nossa história: *Bebê Bum* (1999) teve um longo período de pesquisa sobre o clown; *Teus Desejos em Fragmentos* (2006), de Ramón Griffiero, foi uma guinada na trajetória artística da Cia., pois gerou em nós a vontade de trabalhar com a dramaturgia contemporânea com temática urbana, abrindo uma nova fase a ela dedicada", emenda a diretora. "Depois, vieram *Estremeço* (2011), de Joel Pommerat; *Pequenas Violências Silenciosas e Cotidianas*, (2013) de Fernando Kike Barbosa; *Espalhem minhas cinzas na Eurodisney* (2018), de Rodrigo Garcia, e agora *Kassandra* de Sergio Blanco (2024). *Como Vivem os Mortos?*, do Palese, também foi emblemática para o grupo."

As comemorações de aniver-

sário da Cia. Stravaganza iniciaram no último dia 29, com a *Feijoada Stravagante*, uma ação em prol dos artistas das artes cênicas afetados pelas severas enchentes na cidade, com renda revertida para colegas que sofreram perdas significativas em seus espaços de trabalho ou moradia. Com um cardápio tradicional e vegano, assinado por Duda Cardoso, a tarde contou com apresentações artísticas de Gloria Crystal, Lauro Ramalho (Laurita Leão), Everton Barreto (Lady Cibele) e Janaina Pellizzon como Madame Zara.

Nos dias 13, 20, 27 de julho e 03 de agosto, sempre aos sábados, 20 horas, o espaço ainda irá receber a nova temporada de *A Mulher que Queria ser Michelin Verunschik* (texto de Wilson Freire), dirigida por Adriane, com atuação de Sandra Possani. A diretora da Cia. Stravaganza revela que nem tudo é glamour na vida de uma companhia com tanto tempo de atuação.

"Passamos por muitos desafios, a exemplo da saga de 25 anos para legalizar nosso espaço físico, depois a pandemia de Covid-19, que desestruturou todo nosso trabalho, e, recentemente, toda programação que estrearia no mês de junho adiada devido às enchentes", enumera. "Mas uma vez nosso trabalho teve que se reestruturar e as oficinas voltaram com um número menor de alunos. Mas, como de costume - unidos - agora, voltamos à cena."



Mitak - A comédia da vida é uma das 32 produções da companhia dirigida por Adriane Mottola, e que estreia na quarta-feira